


A “CHRONICA LIVRE” DE OLAVO BILAC EM TEMPOS DE REPRESSÃO POLÍTICA NO GOVERNO DE FLORIANO PEIXOTO (1893-1894)

 DOI: 10.5281/zenodo.5768648

Mirella Ribeiro Pinto

Universidade Federal de Uberlândia

mirellaribeiro10@hotmail.com

Ao regressar para o Rio de Janeiro, em agosto de 1893, após o turbulento período de prisão, Olavo Bilac decidiu retornar para a redação da *Gazeta de Notícias*, mesmo depois de quase três anos da sua última colaboração para esse jornal. A primeira participação de Bilac na *Gazeta de Notícias* ocorreu em 24 de abril de 1890 com a publicação de uma crônica no centro da primeira página. Entretanto, nessa primeira fase, ele publicou apenas textos esporádicos para o jornal, colaboração que rapidamente interrompida por conta de uma viagem que o autor fez no dia 10 de junho de 1890 para Paris, onde se tornou correspondente do jornal *Cidade do Rio*¹. Os primeiros escritos de Olavo Bilac para a *Gazeta de Notícias*, eram crônicas eróticas, o que deixou evidente uma “associação naturalista entre o erótico e a natureza”². Depois da ausência, em 1893, Olavo Bilac encontrou uma nova oportunidade de ser colaborador da *Gazeta* com a série *Chronica Livre*.

Em 1893, a *Gazeta de Notícias* ainda era um dos maiores jornais da cidade, por isso ela atraía para a sua redação grandes nomes da literatura e do jornalismo da

¹No dia de seu embarque, a *Gazeta de Notícias* publicava uma nota dizendo: “Segue hoje para a Europa, onde vai ser correspondente da *Cidade do Rio*, Olavo Bilac. Não há no mundo das letras quem não conheça e não tenha apreciado o moço glorioso que em diversos jornais e ainda ultimamente na *Gazeta de Notícias*, deu as mais brilhantes provas do seu talento e engenho literário. Vemo-lo partir com a mágoa de quem perde um vibrante colaborador, mas essa mágoa é, em parte, suavizada pela certeza que temos de que, na sua nova posição, aquele espírito ainda mais se desenvolverá, pela convivência com o que de artes e letras se tem de mais requintadamente apurado.” *Gazeta de Notícias*, 10 jun., 1890, p. 1.

²João Rodrigo Araújo Santana analisa as crônicas de Olavo Bilac publicadas na *Gazeta de Notícias* entre os meses de abril a junho de 1890. SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA: 2013, pp. 139-140.

época. Ao lado dos grandes jornais do Rio de Janeiro, como o *Jornal do Comércio* e *O Paiz*, a *Gazeta*, na década de 1890, atingiu uma tiragem de 40 mil exemplares diários. Entre seus colaboradores, estavam renomados homens de letras, inclusive Machado de Assis, que contribuiu como cronista da folha até meados de 1897. Um dos grandes atrativos do periódico era a boa remuneração dada aos seus colaboradores, a qual era uma forma de reconhecimento do trabalho desses homens de letra que compunham aquela redação. Assim, inúmeros folhetins, contos, novelas, poesias e crônicas eram publicados diariamente no jornal fundado por Ferreira de Araújo em 2 de agosto de 1875.

Entre toda a literatura divulgada pela *Gazeta*, também estava a série *Chronica Livre* de Bilac, que foi publicada entre 22 agosto de 1893 e 9 setembro de 1894. Por desejar viver da literatura, Olavo Bilac aceitou o convite para compor a redação da *Gazeta de Notícias* e, em 22 de agosto de 1893, o jornal divulgou sua chegada, ou o retorno do cronista ao jornal, e afirmou que ele iria abrilhantar suas páginas com uma coluna provocativamente intitulada *Chronica Livre*³. A partir desse momento, Bilac se tornou o responsável pela publicação da mais nova série de crônicas de um dos periódicos mais populares da cidade.

Dessa forma, por ser um jornal de grande circulação, vendido a preços módicos, a *Gazeta* se tornou conhecida tanto pelo incentivo que dava à literatura quanto pela abertura que dava em suas páginas a campanhas políticas nacionais de destaque, como a abolição⁴, e durante dezesseis anos, entre 1893 e 1908, Olavo Bilac foi seu colaborador.

³*Gazeta de Notícias*, 22 ago., 1893.

⁴ Durante o processo de modernização da imprensa brasileira, ocorrido a partir dos anos de 1870 no Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias* se destacou como um jornal que se organizava como uma grande empresa e que se pretendia popular e acessível ao maior público possível. Uma de suas marcas era o incentivo dado pelo jornal à literatura. Com o progresso das técnicas gráficas, que colaboraram para a criação de uma grande imprensa no Brasil, a *Gazeta de Notícias*, aos poucos, conquistaria seu espaço na imprensa brasileira, colocando ao alcance do grande público “não só notícias, colunas de atualidades, políticas, piadas, como também as artes e, principalmente, a literatura”. Com essa abertura de espaço para as letras dentro do jornal, a *Gazeta* tornara-se uma grande referência para os literatos, dentre eles Olavo Bilac. A admiração deste literato pelo jornal ficaria evidente no ano de 1900, quando falecera o jornalista Ferreira de Araújo, dono e editor chefe do periódico. Em momento de muita tristeza para a imprensa brasileira, escritores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Lulu Sênior, Araripe Júnior, Julia Lopes de Almeida, Quintino Bocaiúva, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Lúcio de Mendonça, Filinto de Almeida, J. Verissimo e M.S prestaram as últimas homenagens ao prestigiado jornalista nas páginas da *Gazeta* publicada no dia 21 de setembro de 1900. Ver: BARBOSA, Marialva. **Os donos do Rio: Imprensa, poder e público**. Vício de Leitura, 2000; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. **O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2009; RAMOS, Ana Flávia Cernic. **As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas Balas de Estalo de Machado de Assis**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2016; SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

A série intitulada *Chronica Livre* não era publicada em dias fixos, não apresentava muita regularidade, mas, em geral, aparecia quatro ou três vezes por semana, ocupava sempre a primeira página do jornal, estava localizada bem no centro da folha⁵ e era assinada com as iniciais O.B ou com o nome Olavo Bilac. Nessa coluna, o cronista ficou responsável por comentar e opinar sobre os diversos assuntos diários da cidade do Rio de Janeiro. Outrossim, é importante destacar que, ao longo da semana, a *Chronica Livre* de Bilac dividia as páginas do jornal com outros renomados literatos, entre eles, Machado de Assis, o qual era responsável pela série *A Semana*⁶, que saía aos domingos desde abril de 1892⁶. Também é importante evidenciar que pela *Chronica Livre* circularam os mais diferentes temas. Nela, o cronista fez críticas ao momento político do país, comentou sobre os maus tratos dispensados às crianças em orfanatos, preocupou-se com os casos de cólera, fez críticas literárias, narrou os bombardeios do início da Revolta da Armada e perscrutou a arquitetura e os costumes da cidade de Ouro Preto no momento em que lá esteve, fato que mostra o quanto Bilac era um observador atento do cotidiano da cidade e das questões que marcavam o país naqueles anos⁷. *Chronica Livre*, entretanto, não foi a primeira coluna de crônicas produzida por Bilac, pois, cronista de longa data, ele já guardava certa experiência com a escrita do gênero. Uma vez que passou tanto pela imprensa paulista quanto pela carioca, Olavo Bilac, após consolidar sua carreira aos vinte e três anos como poeta, com a publicação de *Poesias* (1888), começou a se dedicar à atividade de cronista. Ele iniciou suas contribuições com crônicas publicadas

⁵ Durante o período estudado, 1892 a 1893, a *Gazeta de Notícias* veiculava em torno de 6 a 8 páginas todos os dias da semana. Entretanto, após a eclosão da Revolta da Armada, em 6 de setembro de 1893, o jornal começou a publicar um número reduzido de páginas, 4 por dia. O espaço das duas primeiras páginas era dedicado especialmente para as Notícias vindas do exterior, que chegavam por meio de telegramas ou por cartas de correspondentes. Nestas primeiras páginas também eram usualmente publicados notícias e artigos sobre as instituições políticas brasileiras em colunas como “Diário do Congresso”. Também circulavam pelas primeiras páginas notícias gerais sobre o país e a cidade do Rio de Janeiro, bem como textos literários em forma de folhetins, contos ou crônicas. Anúncios e artigos publicados por leitores mediante pagamento se encontravam nas últimas páginas do jornal na seção “Publicações a Pedido”. Aos domingos a *Gazeta* publicava na primeira página e coluna a série “A Semana”, escrita por Machado de Assis, responsável em escrever sobre os principais acontecimentos da última semana.

⁶ Sobre a coluna “A Semana” de Machado de Assis conferir BRITO, Maria Luzia Alves. **As mulheres da semana: Construção de personagens femininas na crônica machadiana**. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, [s.n.], Uberlândia: MG, 2017. BRITO, Maria Luzia A. e SILVEIRA, Daniela M. **A República Contada A Cada Semana: A consolidação do sistema republicano nas crônicas de machadianas (1892)**. *Horizonte Científico*. Vol. 10, nº1, ago. 2016. GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. SOUZA, Ana Paula Cardozo de. **Machado de Assis e a República de “A Semana”: Literatura, Imprensa e Práticas Populares (1892-7)**. Dissertação de mestrado em História. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

⁷ Conferir, por exemplo, “Chronica Livre”, *Gazeta de Notícias*, nos dias 22 ago., 24 ago., 27 ago., 01 set., 12 set., 15 set., 07 nov., 10 nov., 13 nov., 22 nov., 1893.

a partir da década de 1880 no jornal *Cidade do Rio*, mas passou por variados periódicos, como a *Gazeta de Sapucaia*, o *Vassourense*, a *Gazeta Acadêmica* (RJ), *A rua*, o *Correio do Povo*, o *Diário Mercantil* (SP), a *Vida Semanária*, *A Quinzena* e *O Combate*⁸. Apenas em 1893 ele chegou à redação da *Gazeta de Notícias*. Segundo Antonio Dimas, os mais variados assuntos passaram pela pena do cronista Olavo Bilac:

urbanização, saúde pública, defesa do menor, escândalos políticos, ingerência da Igreja no Estado, festas populares, carestia, segurança urbana, deficiência do transporte público, violência sexual, política internacional, emancipação feminina, lançamentos literários, penúrias do funcionalismo, crueldade contra crianças ou velhos, maus-tratos de animais, invasão da privacidade ou ocorrências do momento⁹.

Para Dimas, a crônica de Olavo Bilac se transformou gradualmente, pois, antes de 1893, o cronista se dedicou ao “humor forte e direto”, mas, dispensou “a fúria combativa” em suas crônicas posteriores. A justificativa de Dimas para a suavização do “impulso incendiário” de Bilac se dá “quando a *Gazeta de Notícias*, jornal burguês orientado para a informação e não para a disputa política, abre-lhe as portas”¹⁰. Como mostrado anteriormente, apesar da “neutralidade” política almejada pela *Gazeta de Notícias*, a folha não deixou de se posicionar a favor da legalidade durante o governo do vice-presidente Floriano Peixoto. Ademais, além de noticiar a repercussão do *Manifesto dos Treze Generais*, as prisões e os decretos do presidente em 1892, a *Gazeta* cobrou uma justificativa e uma avaliação dos atos do Governo Federal. Logo, se a *Gazeta de Notícias* de fato fosse um jornal “orientado para a informação e não para a disputa política”, como afirmou Antonio Dimas, não teria aberto as suas portas para Olavo Bilac publicar sua série, haja vista que ele era um intelectual preso e perseguido pela polícia florianista.

Assim, em 1893, agora num claro contexto de crise política e de acirramento das tensões com o governo de Floriano Peixoto, Olavo Bilac decidiu estruturar sua nova série em torno de uma temática fundamental: a liberdade de expressão. Nesse sentido, o título *Chronica Livre* evidenciava suas escolhas, mas, ao mesmo tempo, mantinha sentidos ambíguos para melhor proteger seu autor. Por um lado, a crônica podia ser “livre” no sentido de não apresentar temas obrigatórios, pois tratava sobre

⁸ DIMAS, Antonio. **Bilac, o Jornalista: Ensaios**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, Edusp, Editora Unicamp, 2006, p. 23.

⁹ Ibidem, p. 50.

¹⁰ Ibidem, p. 46.

qualquer assunto ou banalidade do cotidiano. Outrossim, escrito ao “rés do chão”, o gênero crônístico pressupunha essa liberdade temática para vaguear pelos mais diversos eventos, desde os mais profundos e complexos aos mais inusitados abordados no jornal¹¹. Por outro lado, a liberdade indicada no título podia ser – e muitas vezes foi – sinônimo de uma reivindicação por liberdade de imprensa e de expressão frente a um governo autoritário.

Além disso, já na apresentação da série, na primeira crônica publicada na coluna *Chronica Livre*, Bilac indicou os possíveis sentidos dos textos que ali seriam publicados. A partir de um tema aparentemente banal, embora fosse um dos assuntos mais comentados no jornal naquela semana, o caso dos frontões foi o mote da apresentação dessa nova série de Bilac¹². Essa primeira crônica comentava as partidas do jogo de pelota com apostas, o que naquele momento gerava conflitos sociais, como a exploração de menores. O resultado dessa polêmica, em 1893, foi a produção de um relatório emitido pelas autoridades policiais, que exigia o fechamento dos frontões. Segundo esse relatório, os jogos de apostas eram considerados uma prática que afrontava os bons costumes¹³. O caso movimentou as ruas e as páginas da imprensa do Rio de Janeiro, além de ter aparecido até mesmo em obras como *O Tribofe*, de Artur Azevedo¹⁴. O.B., como ele assinava os textos da *Chronica Livre*, também comentou o assunto e o aproveitou para tecer críticas a Floriano Peixoto, o que delineou, de certa forma, o “programa”¹⁵ de sua nova série de crônicas para a

¹¹ CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: _____ et, al. **A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

¹² Em 1892 chegava ao Brasil, por meio dos imigrantes, o jogo da pelota, sendo os próprios estrangeiros os responsáveis em construir o primeiro espaço para as partidas. O lugar usado para a atividade ficou conhecido como “Frontão Brasileiro”. Na capital carioca podia-se encontrar vários frontões, sendo eles: o Frontão Boliche Nacional, o Frontão Fluminense ou Coliseu Lavradio, Electro Ball, o Municipal e o Frontão Catete. MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto: “ministro das diversões” do Rio de Janeiro (1883 – 1920)**. Dissertação de mestrado em História Social. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2004.

¹³ No final do século XIX, os frontões eram conhecidos como casa de jogos. Na edição do dia 22 de agosto de 1893, a *Gazeta de Notícias* trazia a discussão a respeito do “Frontão Brasileiro” em várias colunas como: “Frontão Brasileiro” assinado por *A moralidade*; “O caso do Frontão” por J. C. Lima Drummond; e “Frontão” compartilhado do Editorial da *Cidade do Rio*.

¹⁴ Em “O Tribofe” peça lançada por Artur Azevedo em 1892, o autor descreve uma cena do jogo de pelota que se passou no Frontão Fluminense: “Tribofe. - É verdade! Um joguinho esplêndido para o tribofe! Com uma pelota chamba um delantero pode arranjar uma boa maquia! Não há receio de que o zagueiro faça uma boleia! Que jogão! Mas desconfio que a Polícia qualquer dia mete o bedelho na cancha, e acaba com tudo aquilo!”. AZEVEDO, Artur. **O Tribofe**. Rio de Janeiro, 1892. Disponível em: Biblioteca Virtual Brasileira, <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=37189>>. Acesso em 20 jun., 2019.

¹⁵ Sobre isso ver mais em: PEREIRA. *Op. cit.*

ASSIS, Machado de. **História de quinze dias**. Organização, introdução e notas: Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Gazeta de Notícias. Logo na abertura da série, é possível notar a presença das críticas elaboradas por meio da ironia, pois, naquele momento, a perseguição policial não era somente “contra o jogo, pregando a cruzada contra os vícios”¹⁶, mas também era contra intelectuais, jornalistas e toda imprensa que manifestasse opiniões contrárias ao governo. Assim, percebe-se que, para Bilac, o caso do frontão significou também mais um ato de restrição aos direitos dos cidadãos:

Santo Deus! Por que não hei de eu ter o direito de jogar o dinheiro que me pagam por este artigo, se tenho o direito de jogar a vida, continuando a ser cidadão brasileiro neste infável regime de revoluções e golpes de Estado? Pouco importa à polícia a minha opinião: também não é para impugnar a sua que abro a este caso a primeira página do meu registro diário.¹⁷

Naquela conjuntura política, o cronista argumentou que o direito de jogar apostado era apenas mais uma liberdade que estava sendo tirada do cidadão carioca. Mais do que isso, a crítica de Olavo Bilac estava totalmente direcionada a à Floriano Peixoto uma vez que o “golpe de estado” citado na crônica poderia ser uma referência ao fato de o vice-presidente haver desrespeitado a Constituição ao se manter no poder e não convocar novas eleições presidenciais após a saída do Marechal Deodoro da Fonseca. Ao abordar o assunto de modo tão direto, Olavo Bilac ainda ironizou a pequena importância que a opinião dele tinha para as autoridades florianistas, mas começou a dar indícios sobre os rumos que a sua *Chronica Livre* iria tomar diante daquele conturbado cenário político. Logo, é evidente que o caso do frontão foi apenas um pretexto para Bilac fazer referências ao Governo Federal.

Contudo, para o cronista, havia na cidade e no país questões mais importantes para serem fiscalizadas do que o jogo de pelota, as quais não recebiam a mesma atenção por parte dos policiais. Entre os muitos problemas merecedores da atenção das autoridades, estava o caso dos abrigos de menores, que exploravam as crianças e não eram controlados regularmente pela polícia. Nesse sentido, ao descrever o relatório que decretava o fechamento dos frontões, Olavo Bilac destaca que uma das grandes preocupações das autoridades deveria ser as crianças que, ao invés de estarem nas salas de aula, estavam participando dos jogos: “E é para, principalmente, roubar as bocas ávidas dos meninos a fonte envenenada dessas perniciosas tentações, que a polícia exige o fechamento imediato desses antros de perdição”¹⁸.

¹⁶ “Chronica livre”. *Gazeta de Notícias*, 22 ago., 1893, p.1.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem.

Em razão de receber pouco apoio político, o presidente Floriano Peixoto, no momento da estreia da *Chronica Livre*, estabelecia a ordem do país controlando toda a imprensa, mas não apenas. Nesse contexto, pode-se considerar que Bilac, ao afirmar que a sua opinião pouco importava para a polícia, estava ironicamente criticando as intensas vigílias policiais que ele e seus colegas escritores enfrentaram em 1892. Dessa forma, Olavo Bilac, quando se refere ao descumprimento das leis sobre os frontões, parece ironizar o modo como a Constituição Brasileira não foi seguida por Floriano Peixoto, que se manteve no poder ao invés de convocar novas eleições presidenciais. Nesse sentido, o escritor aconselhou ironicamente: “e é bom que cada um de nós fique com o seu modo de pensar, porque é destas mútuas tolerâncias que nascem a harmonia das esferas e a paz entre os homens¹⁹”. Entretanto, essa postura de silêncio não foi adotada pelo cronista na *Chronica Livre*, espaço que foi usado por ele para expor seu modo de pensar, mesmo que a partir do uso da ironia para que os florianistas pensassem que ele não estava fazendo nenhuma afronta.

Logo, na série de crônicas *Chronica Livre*, tudo o que Bilac parecia querer era reivindicar um espaço de liberdade de opinião na imprensa, liberdade para pensar e para criticar, se necessário fosse, as atitudes políticas do governo e das instituições. A partir desse viés, ainda sob censura ou sob a vigilância que pairava sobre a imprensa, ele buscou fazer isso por meio de alguns artifícios literários, como a ironia, a metáfora e a sátira. Talvez a série de Bilac não possuía a total liberdade de expor opiniões sobre o cotidiano da época, como o título sugere, mas, ao escolher o nome *Chronica Livre* para sua coluna na *Gazeta de Notícias*, Bilac, na verdade, reivindicava esse direito. Nessa série, o uso da ironia foi uma das primeiras estratégias utilizadas pelo escritor, como fica evidente já na primeira crônica da série, quando ele comenta que as autoridades políticas manuseavam os códigos de leis em favor dos próprios interesses:

A polícia lucra tanto fechando os Frontões para a moralização dos meninos vadios, quanto lucram os pais que, para lhes extirpar os vícios, os privam de gravuras obscenas. O mal está no sangue, na educação anterior. Fechados os Frontões, os meninos jogarão a mosca e o cunho ou coroa. E terá graça, afinal, que, para evitar que meia dúzia de rapazes vadios vá perder diariamente nas casas de jogo meia dúzia de notas de dois mil réis, fiquem privados de jogar os que jogam o seu dinheiro, os responsáveis, os maiores, os livres, - contra cujos vícios, tão respeitáveis como as mais respeitáveis virtudes, se invocam as disposições de um código penal, feito, como todos os

¹⁹ Ibidem.

códigos, para ser violado por quem aplica, e aplicado contra quem não pode violar...”²⁰

No trecho final dessa crônica, Olavo Bilac chama a atenção do leitor quando relaciona o ato de jogar com a liberdade, pois, para o escritor, os homens “livres” e “responsáveis” deveriam possuir o direito de jogar o que quisessem e como tivessem vontade. Ou seja, a crônica de abertura já demonstrava que a temática sobre liberdade estaria presente naquela seção assinada por Olavo Bilac. Além disso, o recado que ele parecia querer passar para seus leitores era lembrar que uma das “mais respeitáveis virtudes” era seguir os “códigos”, isto é, as leis. Logo, Bilac abordava a importância da legalidade e da liberdade ao apontar a contradição do que estava sendo feito pelo governo de Floriano Peixoto.

Na véspera de eclodir a Armada, Olavo Bilac iniciou ironicamente a crônica do dia 28 de agosto com as expressões: “o sossego destes dias calmos” feitos para “reflexões inofensivas”. Ademais, o cronista relatou ser um domingo “molhado e cinzento”, que o fazia sentir uma “névoa melancólica”²¹. Isto é, ele começa fazendo a crônica parecer trivial, pois descreve um domingo melancólico, caracteriza o som do sino da Igreja com “suas badaladas preguiçosas” e trata de sentimentos típicos de um domingo. Mas o contexto, ao contrário do que afirmava a crônica, não era nada trivial, uma vez que a melancolia não era a rotineira, e nem os tempos estavam calmos. Outrossim, após ler as páginas do livro *Les trophées*²² e se deparar com o heroico personagem *El Cid*²³, Olavo Bilac confessou ao leitor que estava pensando no seu patriotismo, em política e especialmente na “eleição do presidente da república”²⁴:

A chuva continuava a cair. Continuei a olhar para dentro, imóvel na chaise-longue, fingindo dormir, para surpreender a conversa daquele par de pedaços de mim mesmo. Compreendi então que falavam de política. A leitura de Heredia inflama o meu patriotismo: e, ó singular! Ó estapafúrdia associação de ideias! Da eleição que, no poema de Heredia faz o velho Diego Laynez²⁵ do filho que o há de vingar e substituir, tinham os meus pensamentos caídos para a eleição do presidente da República...²⁶

Com ironia, Olavo Bilac caracterizou os assuntos políticos da história de Heredia como “estapafúrdia associação de ideias” na tentativa de demonstrar, em sua

²⁰ Ibidem.

²¹ “Chronica Livre”. *Gazeta de Notícias*, 28 ago., 1894, p. 1.

²² Obra de José Maria de Heredia (1845-1905), poeta cubana naturalizada francesa, publicada em 1893.

²³ *El Cid*, foi um guerreiro que viveu no século XI na Espanha. O personagem aparece na história de “Heredia” e no romance “Tartarin de tarascon” de Alphonse Daudet, publicado em 1872 na França.

²⁴ “Chronica Livre”. *Gazeta de Notícias*, 28 ago., 1893, p. 1.

²⁵ Diego Laynez foi um teólogo e jesuíta espanhol, responsável em substituir Inácio de Loyola como membro superior-geral da Companhia de Jesus, em 1558.

²⁶ Idem.

série de crônicas, que a política era descabida, ilógica. Essa sátira era usada para Olavo Bilac tentar esconder suas preocupações reais, pois aquele assunto sobre política despertava seu patriotismo. Entretanto, o cronista estava sim atento aos assuntos políticos e especialmente preocupado com a eleição presidencial, o que para ele se travava de uma discussão entre os personagens Cid e Sir John Falstaff ²⁷:

Dizia o Cid: - Como queres tu, grosseiro bebereão, que o meu lugar fique vazio no comício dos que vão salvar a pátria e consolidar a sua felicidade, trazendo para o pleito eleitoral as suas convicções republicanas? Queres que me recolha a um silêncio criminoso, quando todos já estão dando a opinião, indicando o seu candidato, preparando a vitória do seu partido?²⁸

Nessa crônica, Olavo Bilac expressou suas opiniões a respeito das eleições para presidente da república por meio de um diálogo entre personagens admirados por ele. Cid era o guerreiro e herói do poema *Heredia* que ele estava lendo naquele domingo melancólico, enquanto Falstaff era um personagem de vários poemas de William Shakespeare. Na crônica, era como se cada um deles estivesse representando as ideias de Bilac, pois o que Cid dizia era o que estava ocorrendo naquela conjuntura: especulações acerca dos possíveis candidatos para a eleição presidencial, que deveria ocorrer em breve, uma vez que Floriano Peixoto não era um presidente da república legítimo:

Sir John Falstaff, neste ponto, riu mais alto, esvaziou mais quatro taças e cantou... Porque, dentro do meu espírito, sir John não falava, como nos poemas de Shakespeare: cantava, como na ópera de Verdi. E cantou, com uma voz em que estalava a aza da ironia: "*Quando ero paggio Del Duca di Norfolk ero sottile*²⁹...". A voz de Cid trovejou outra vez: - Como? O bacharel Moreira Pinto quer que o presidente seja reeleito. Outros querem que o presidente seja novo. Tu que queres? Que quero eu?³⁰

Na crônica Bilac expressou um conflito entre opinar e não opinar, escrever ou não escrever, mas sua crônica não era livre? Então, por meio das sátiras, ele teceu suas opiniões a respeito das eleições naquele contexto:

- Meu pobre amigo! meu tolo amigo! meu entusiasmado amigo! que tenho eu com o teu patriotismo? Para que queres tu a minha opinião? olha como chove... Vê que preguiça anda no ar... Como é bom não ter opinião! Olha! se eu fosse obrigado a dizer o que penso, diria que estou de acordo com o macharel Moreira Pinto...³¹

²⁷ *Sir John Falstaff* é um personagem criado por William Shakespeare.

²⁸ "Chronica Livre". *Gazeta de Notícias*, 28 ago., 1893, p. 1.

²⁹ Tradução: "Quando ele era pajem do Duque de Norfolk eu era magro...".

³⁰ "Chronica Livre". *Gazeta de Notícias*, 28 ago., 1893, p. 1. (Grifos do autor!).

³¹ *Ibidem*.

Será que realmente Olavo Bilac estava de acordo com a manutenção de Floriano Peixoto na presidência? Não. Esse foi mais um traço da sua ironia para demonstrar um falso interesse pelo assunto e fingir não expor sua opinião, a fim de que isso não acarretasse graves consequências, como uma nova prisão. Além disso, por meio do personagem de Shakespeare, Bilac buscou demonstrar indiferença com os assuntos políticos, mas, caso fosse questionado pelas autoridades florianistas, concordaria com a permanência do Marechal Floriano na presidência. Assim, enquanto Falstaff tentava ignorar as questões acerca da política, ele acreditava que todos os outros políticos seriam iguais ao Floriano Peixoto:

Por que mudar de presidente? Este já nos conhece... Já o habitamos a contar com o nosso medo, com a nossa bravura, com as nossas virtudes, com os nossos vícios... Outro, que venha, terá de perder tempo a estudá-los. Fique este mesmo, que este mesmo nos serve. Outro, que venha, virá fazer o mesmo que este faz. Olha: eles todos são bons...Shakespeare, o meu divino criador, quando me fez, fez-me para conviver com monarcas. Ando rolando com elas nas peças do meu criador! E conheço-os bem, meu tolo amigo... Que te importa a política? Estamos aqui abrigados dentro do nosso cronista; nosso cronista está deitado numa bela *chaise-longue*.³²

Isso tentou demonstrar que Olavo Bilac estava tranquilo e apreciava aquele melancólico domingo chuvoso, mas não. A mente de Bilac fervilhava a respeito daquelas questões políticas ao pensar se Floriano Peixoto iria ou não continuar na presidência. Após alguns dias, um novo estado de sítio foi declarado com o estouro da Revolta da Armada em 6 de setembro de 1893, o que criou um contexto político muito instável. Isso fez o cronista pensar que Floriano Peixoto não convocaria novas eleições e continuaria à frente do país, pois, apesar do novo regime republicano, a política não havia sofrido mudanças significativas, uma vez que a convivência com os monarquistas e o governo repressivo ainda eram realidade:

O Cid sumiu-se. Sir John dormiu. Eu dormi também. A chuva continuava a cair. Meus senhores! Não há nada como as reflexões de um dia de chuva para resolver uma crise política. Principalmente quando se trata de uma crise política do Brasil: canta-se a aria da indiferença, e está tudo acabado.³³

Olavo Bilac concluiu sua crônica com esse parágrafo, mas a crise política não estava resolvida, e muitas questões ainda iriam acontecer como o seu autoexílio. No meio de tanta ironia, a falsa indiferença de Bilac fez muito barulho e gerou muitas consequências para ele, como a prisão em 1892, a fuga para Minas Gerais em outubro

³²“Chronica Livre”. *Gazeta de Notícias*, 28 ago., 1893, p.1. (Grifos do autor!).

³³ *Ibidem*.

de 1893 e uma nova abordagem policial em 1894. Talvez, essa “indiferença” era um modo de continuar publicando nas páginas da *Gazeta de Notícias* apesar do cenário de censura. As eleições não aconteceram em 1893 e Floriano Peixoto ficou no poder até o fim do mandato, em novembro de 1894.

Na *Chronica Livre* não se escrevia sobre outros assuntos a não ser os bombardeios e o governo de Floriano, mesmo que o cronista aparentemente tratasse de assuntos banais e utilizasse ironias para mascarar sua opinião. Ademais, o redator chefe queria a liberdade de comentar os boatos com os seus leitores nas colunas de notícias ou nas de literatura, e o artigo de Araújo tanto evidenciava esse desejo da *Gazeta de Notícias* quanto reivindicava o poder de falar o que o público leitor queria ouvir. Sendo assim, a presença da *Chronica Livre* na primeira página da *Gazeta*, tratando de liberdade através das experiências de Olavo Bilac, foi mais uma forma de o periódico se posicionar diante do autoritarismo de Floriano Peixoto. Contudo, as denúncias de repressão e os comentários sobre política se davam por meio de estratégias literárias, como a ironia e a metáfora, para expor as opiniões mesmo que entrelinhas.

Durante a perseguição política dos opositores, a imprensa fluminense sofreu diretamente os ataques do governo. A *Gazeta de Notícias*, por exemplo, após divulgar a coluna *Cousas Políticas*, de Ferreira de Araújo, no dia 27 de novembro de 1893, foi censurada, suspensa e voltou a circular somente no dia 5 janeiro de 1894. Ao analisar as crônicas de Machado de Assis escritas para esse jornal, Maria Luzia Alves Brito alega, contudo, que:

Diferente do que se poderia esperar, o retorno não foi marcado por um período de placidez política no jornal. Ao contrário disso, a *Gazeta de Notícias* continuou tecendo críticas muito duras ao governo Federal. O que mudou, todavia, foi a forma de construir essas críticas, que apareciam em formatos mais sutis, muitas vezes sem citar nomes, através de textos literários ou disfarçados de anedotas.³⁴

Após as publicações ficarem suspensas entre 27 de novembro de 1893 e 5 de janeiro de 1894, a série *Chronica Livre* voltou a ser veiculada na primeira edição da *Gazeta de Notícias* do ano de 1894. De acordo com o conteúdo das páginas do jornal, esse retorno não foi isento de críticas e a redação do jornal continuou alfinetando a falta de legalidade do governo de Floriano Peixoto³⁵. Entretanto, é possível observar

³⁴ BRITO. *Op. cit.*, p. 38.

³⁵ PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. **O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. SOUZA, Ana Paula Cardozo de. **Machado de Assis e a**

uma mudança na postura da redação da *Gazeta de Notícias*, que após o retorno, estava mais cautelosa, porém continuava fazendo suas críticas políticas. Então, quais foram os impactos da suspensão da *Gazeta* e do seu retorno cauteloso nas crônicas do literato?

Desde o nome da série até os temas que surgiram nas crônicas, percebe-se que era recorrente a questão da liberdade de expressão em seus escritos. Ademais, as tensões para Bilac ficaram tão evidentes que o cronista precisou partir da cidade do Rio de Janeiro em novembro de 1893. Por essa razão, parte da série foi escrita fora do Rio de Janeiro, em Ouro Preto, mas, mesmo em Minas Gerais, o autor continuou, direta ou indiretamente, pensando tanto em república quanto em liberdade de expressão e marcou presença nas páginas da *Gazeta de Notícias* entre agosto de 1893 e setembro de 1894. No contexto da Revolta da Armada e de estado de sítio, o controle da imprensa era cada vez mais ostensivo, o que era traduzido em prisões de jornalistas, como as de Olavo Bilac, José do Patrocínio, Plácido de Abreu e Pardal Mallet em 1892.

Embora fossem perseguidos, era com o exercício da literatura que os intelectuais daquele período assumiam eles mesmos a missão de construir um projeto para a sociedade, de pensar os rumos da nação e de tentar “civilizar” tanto os hábitos políticos quanto os hábitos sociais dos cidadãos daquela recém-proclamada República. Apesar da intensa represália, especialmente sobre aqueles que assumiram uma oposição à política florianista, os literatos buscaram estratégias para continuar atuando politicamente através dos seus escritos. Assim, por meio da literatura muitas vezes publicada em jornais, eles continuavam a “difundir suas discussões e seus projetos de uma maneira formativa (...) não se conformando com o “simples registro daquilo que viam no mundo das ruas”³⁶. Portanto, a série de Bilac tentava resistir e militar em prol da liberdade individual e de imprensa em meio a publicação de decretos e perseguições policiais.

República de “A Semana”: Literatura, Imprensa e Práticas Populares (1892-7). Dissertação de mestrado em História. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2015. BRITO. *Op. cit.*

³⁶PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX.** 2ªed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 42.

BIBLIOGRAFIA

ASPERTI, Clara Miguel. **Bilac e a reurbanização do Rio de Janeiro: estudo da crônica dominical da Gazeta de Notícias (1897-1908)**. 2007. 2 v. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007.

BIGNOTTO, Newton (org.). **Pensar a República**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

BILAC, Olavo. **Chronicas e novelas: 1893-1894**. Rio de Janeiro: Cunha & Irmão, 1894.

BILAC, Olavo. **Vossa Insolência: Crônicas**. Antonio Dimas (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRITO, Maria Luzia Alves; SILVEIRA, Daniela Magalhães. **A República contada a cada Semana: A consolidação do sistema republicano nas crônicas machadianas (1892)**. *Horizonte Científico*. Vol. 10, nº 1, ago. 2016.

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em Cousas Miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs.). **A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COSTA, Sérgio Corrêa da. **A Diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada**. 3ªed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017.

DARNTON, Robert. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: crônicas**. V. I São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

_____. **Bilac, o jornalista: crônicas**. V. II São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

_____. **Bilac, o jornalista: ensaios**. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna. **Os intelectuais e a Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015.

_____. **Os intelectuais e a Liga de Defesa Nacional: por um projeto hegemônico de Brasil.** Anais do V Simpósio Estado e Poder – Hegemonia. Niterói: Vício de Leitura, 2008.

FERREIRA Jorge Luiz; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FLORES, Elio Chaves. **A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da república à revolução de 1930.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, Ângela de Castro e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Primeira república: um balanço historiográfico. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, n° 4, p.267-269, 1979.

GOMES, Ângela de Castro et al. **A República no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Getúlio Vargas, 2002.

JESUS, Christianne Theodoro de. **Memórias da repressão política na Primeira República: relatos jornalísticos, memorialísticos e literários da repressão florianista durante a Revolta da Armada (1893-1894).** Dissertação de Mestrado em História. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2018.

JORGE, Fernando. **Vida e poesia de Olavo Bilac.** 6ªed. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Olavo Bilac e sua época.** Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. **A República e os políticos nas crônicas de Olavo Bilac (1897-1908).** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, [s.n.]. Niterói, 2014.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX.** In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano - O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Livro 1.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. **“Crônica”: A suave ironia bilaquiana na Gazeta de Notícias. Patrimônio e Memória.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, p. 198-216, jun. 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Braziliense, 1990.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. **As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas Balas de Estalo de Machado de Assis**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

_____. **A política imperial nas “Cousas Políticas” e nas “Balas de Estalo da Gazeta de Notícias: o jornalismo dos últimos anos da monarquia (1883-1884)**. *História e Cultura*, v. 3, p. 7, 2014.

<https://doi.org/10.18223/hiscult.v3i1.1182>

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. **O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da república à revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SAES, Guillaume Azevedo Marques de. **A República e a Espada: A Primeira década republicana e o florianismo**. Dissertação de Mestrado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, [s.n.]. São Paulo, 2005.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. [s.n.]. Salvador, 2013.

SILVA, Ana Carolina Feracin da. **Entre a pena e a espada: literatos e jacobinos nos primeiros anos da República (1889-1895)**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, [s.n.], Campinas, SP: 2001.

SILVESTRE, Fernanda Munhão Martins. **As Crônicas de Bilac nas Revistas Ilustradas A Cigarra (1895) e A Bruxa (1896-1897)**. Dissertação de Mestrado em Letras: Literatura e Vida Social. Assis, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 2008.

SIMÕES JÚNIOR. Alvaro Santos. **A “Crônica” de Bilac em A Bruxa (1896-1897)**. *Revista da Anpoll*. Nº 38, p. 144-155, Florianópolis, jan./jun., 2015.

<https://doi.org/10.18309/anp.v1i38.843>

_____. **A sátira do Parnaso**. São Paulo: Ed. da UNESP e FAPESP, 2007.

_____. **A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. O eixo e a roda**. V. 9/10, Belo Horizonte, 2003/2004.

<https://doi.org/10.17851/2358-9787.9.0.235-246>

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SOUSA J. Galante de. **Olavo Bilac e seus pseudônimos**. In: Machado de Assis e outros estudos. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941.

SOUZA, Ana Paula Cardozo de. **Machado de Assis e a República de “A Semana”:** literatura, imprensa e práticas populares (1892-7). Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, [s.n.], Campinas, SP: 2015.